



BOLETIM

GEOCORRENTE

ANO 6 • Nº 112 • 19 DE MARÇO DE 2020

O Boletim Geocorrente é uma publicação quinzenal do Núcleo de Avaliação da Conjuntura (NAC), vinculado à Superintendência de Pesquisa e Pós-Graduação (SPP) da Escola de Guerra Naval (EGN). O NAC acompanha a Conjuntura Internacional sob o olhar teórico da Geopolítica, a fim de fornecer mais uma alternativa para a demanda global de informação, tornando-a acessível e integrando a sociedade aos temas de segurança e defesa. Além disso, proporciona a difusão do conhecimento sobre crises e conflitos internacionais procurando corresponder às demandas do Estado-Maior da Armada.

O Boletim tem como finalidade a publicação de artigos compactos tratando de assuntos atuais de dez macrorregiões do globo, a saber: América do Sul; América do Norte e Central; África Subsaariana; Oriente Médio e Norte da África; Europa; Rússia e ex-URSS; Sul da Ásia; Leste Asiático; Sudeste Asiático e Oceania; Ártico e Antártica. Ademais, algumas edições contam com a seção "Temas Especiais".

O grupo de pesquisa ligado ao Boletim conta com integrantes de diversas áreas do conhecimento, cuja pluralidade de formações e experiências proporcionam uma análise ampla da conjuntura e dos problemas correntes internacionais. Assim, procura-se identificar os elementos agravantes, motivadores e contribuintes para a escalada de conflitos e crises em andamento, bem como seus desdobramentos.

NORMAS DE PUBLICAÇÃO

Para publicar nesse Boletim, faz-se necessário que o autor seja pesquisador do Grupo de Geopolítica Corrente, do NAC e submeta seu artigo contendo até 350 palavras ao processo avaliativo por pares.

Os textos contidos neste Boletim são de responsabilidade exclusiva dos autores, não retratando a opinião oficial da EGN ou da Marinha do Brasil.

CORRESPONDÊNCIA

Escola de Guerra Naval – Superintendência de Pesquisa e Pós-Graduação.

Av. Pasteur, 480 - Praia Vermelha – Urca - CEP 22290-255 - Rio de Janeiro/RJ - Brasil

TEL.: (21) 2546-9394 | E-mail: geocorrentenac@gmail.com

Esta e as demais edições do BOLETIM GEOCORRENTE, em português e inglês, poderão ser encontrados na home page da EGN:

<https://www.marinha.mil.br/egn/boletim_geocorrente>



DIRETOR DA ESCOLA DE GUERRA NAVAL
CONTRA-ALMIRANTE EDGAR LUIZ SIQUEIRA BARBOSA

SUPERINTENDENTE DE PESQUISA E PÓS GRADUAÇÃO DA ESCOLA DE GUERRA NAVAL
CONTRA-ALMIRANTE (RM1) MARCIO MAGNO DE FARIAS FRANCO E SILVA

CONSELHO EDITORIAL
EDITOR RESPONSÁVEL
CAPITÃO DE MAR E GUERRA (RM1) LEONARDO FARIA DE MATTOS (EGN)

EDITOR CIENTÍFICO
CAPITÃO DE MAR E GUERRA (RM1) FRANCISCO E. ALVES DE ALMEIDA (EGN)

EDITORES ADJUNTOS
1º TENENTE (RM2-T) JANSEN COLI CALIL N. ALMEIDA DE OLIVEIRA (EGN)
JÉSSICA GERMANO DE LIMA SILVA (EGN)
NOELE DE FREITAS PEIGO (FACAMP)
PEDRO ALLEMAND MANCEBO SILVA (UFRJ)

DESIGN GRÁFICO
MATHEUS BRUNO FERREIRA ALVES PEREIRA (UFRJ)

DIAGRAMAÇÃO
RODRIGO ÁBREU DE BARCELLOS RIBEIRO (UFRJ)

PEQUISADORES DO NÚCLEO DE AVALIAÇÃO DA CONJUNTURA

ÁFRICA SUBSAARIANA

FRANCO NAPOLEÃO AGUIAR DE ALENCASTRO GUIMARÃES (PUC-RIO)
ISADORA JACQUES DE JESUS (UFRJ)
JOÃO VICTOR MARQUES CARDOSO (UNIRIO)
VIVIAN DE MATTOS MARCIANO (UFRJ)

AMÉRICA DO NORTE & CENTRAL

ANA CAROLINA VAZ FARIAS (UFRJ)
ANA CLÁUDIA FERREIRA DA SILVA (UFRJ)
CAROLINA CÔRTEZ GÓIS (PUC-RIO)
JÉSSICA PIRES BARBOSA BARRETO (EGN)
VICTOR CABRAL RIBEIRO (UFRJ)
VICTOR EDUARDO KALIL GASPAR FILHO (EGN)

EUROPA

ARIANE DINALLI FRANCISCO (UNIVERSITÄT OSNABRÜCK)
GLAYCE KEROLIN RODRIGUES MAXIMIANO (UFRJ)
MATHEUS SOUZA GALVES MENDES (EGN)
MELISSA ROSSI (SUFFOLK UNIVERSITY)
NATHÁLIA SOARES DE LIMA DO VALE (UERJ)
THAÏS ABYGAËLLE DEDEO (UNIVERSITÉ DE PARIS 3)

ORIENTE MÉDIO & NORTE DA ÁFRICA

ANA LUIZA COLARES CARNEIRO (UFRJ)
ANDRÉ FIGUEIREDO NUNES (ECEME)
DOMINIQUE MARQUES DE SOUZA (UFRJ)
PEDRO DA SILVA ALBIT PENEDO (UFRJ)
SHAKILA DE SOUSA AHMAD (UFRJ)

SUDESTE ASIÁTICO & OCEANIA

MATHEUS BRUNO FERREIRA ALVES PEREIRA (UFRJ)
THAYNÁ FERNANDES ALVES RIBEIRO (UFF)
VINÍCIUS DE ALMEIDA COSTA (EGN)

TEMAS ESPECIAIS

ALESSANDRA DANTAS BRITO (EGN)
LOUISE MARIE HUREL SILVA DIAS (LONDON SCHOOL OF ECONOMICS)

AMÉRICA DO SUL

ADRIANA ESCOSTEGUY MEDRONHO (EHES)
BEATRIZ MENDES GARCIA FERREIRA (UFRJ)
CARLOS HENRIQUE FERREIRA DA SILVA JÚNIOR (UFRJ)
GABRIELA DE ASSUMPTÃO NOGUEIRA (UFRJ)
JOÃO FELIPE DE ALMEIDA FERRAZ (UFRJ)
PEDRO EMILIANO KILSON FERREIRA (UNIVERSIDADE DE SANTIAGO)

ÁRTICO & ANTÁRTICA

ANA CAROLINA FERREIRA LAHR (EGN)
GABRIELE MARINA MOLINA HERNANDEZ (UFF)
LAILA NEVES LORENZON (UFRJ)
PEDRO ALLEMAND MANCEBO SILVA (UFRJ)
RAPHAELLA DA SILVA DIAS COSTA (UFRJ)

LESTE ASIÁTICO

JOÃO PEDRO RIBEIRO GRILO CUQUEJO (IBMEC)
MARCELLE TORRES ALVES OKUNO (IBMEC)
PHILIPPE ALEXANDRE JUNQUEIRA (UERJ)
RODRIGO ÁBREU DE BARCELLOS RIBEIRO (UFRJ)
VINÍCIUS GUIMARÃES REIS GONÇALVES (UFRJ)

RÚSSIA & Ex-URSS

JOSÉ GABRIEL DE MELO PIRES (UFRJ)
LUIZA GOMES GUITARRARI (UFRJ)
PEDRO MENDES MARTINS (ECEME)
PÉRSIO GLÓRIA DE PAULA (UFF)

SUL DA ÁSIA

JOÃO MIGUEL VILLAS-BOAS BARCELLOS (UFRJ)
MARINA SOARES CORRÊA (UFRJ)
REBECA VITÓRIA ALVES LEITE (EGN)

ÍNDICE

AMÉRICA DO SUL

Depoimento do USSOUTHCOM evidencia disputa por influência entre EUA, China e Rússia 4

AMÉRICA DO NORTE & CENTRAL

POLA 101: o marco do avanço e desenvolvimento da Marinha mexicana 4
El Salvador poderá construir porto no litoral atlântico da Guatemala 5

ÁFRICA SUBSAARIANA

A oitava praga: o enxame de gafanhotos e a África Oriental 5

EUROPA

Dilema na Itália: crise migratória versus coronavírus 6
Atualizações no Dreadnought e o novo COVID-19 7

ORIENTE MÉDIO & NORTE DA ÁFRICA

O novo governo libanês e a influência do Hezbollah 7
Turquia perde em Idlib e fica isolada em sua Política Externa 8

RÚSSIA & Ex-URSS

Arábia Saudita, Rússia e a geopolítica do petróleo 8

LESTE ASIÁTICO

Coreia do Sul retoma liderança em encomendas globais no setor de construção naval 9
As Olimpíadas de Shinzo Abe: Poder e Simbolismo 9
A Marinha chinesa se lança sobre o Pacífico 10

SUL DA ÁSIA

Índia: instabilidade doméstica e implicações na projeção internacional 11

SUDESTE ASIÁTICO & OCEANIA

EUA-Vietnã: estreitamento de laços para diferentes fins 12

ÁRTICO & ANTÁRTICA

A atualização da estratégia russa para o Ártico 12

TEMAS ESPECIAIS

Um panorama do Boletim Geocorrente em 2019 usando Ciência de Dados... 13

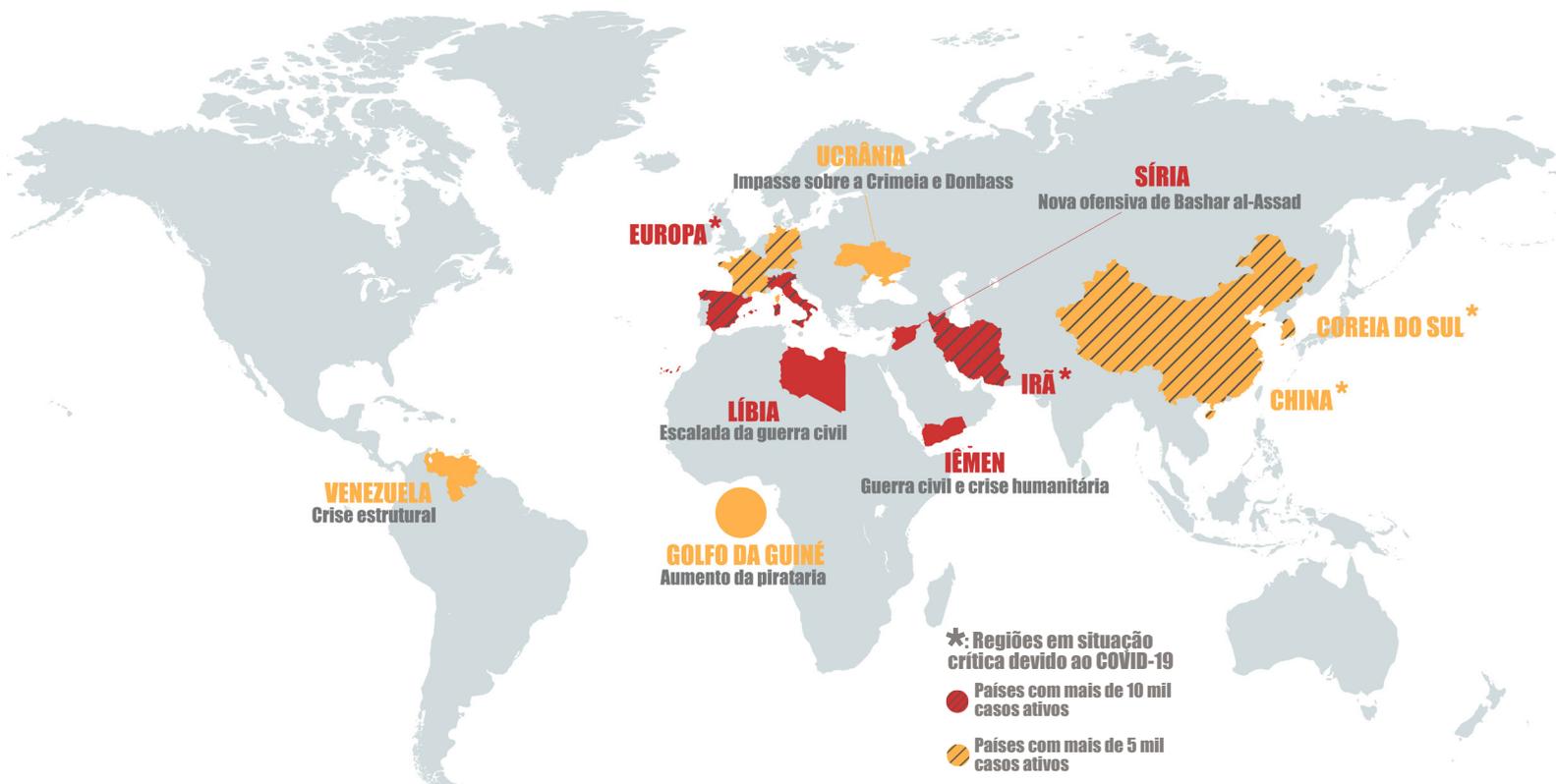
Artigos Selecionados & Notícias de Defesa..... 14

Calendário Geocorrente..... 14

Referências..... 15

Mapa de Riscos..... 16

10 PRINCIPAIS RISCOS GLOBAIS



Alto Risco

Médio Risco

Para mais informações acerca dos critérios utilizados, acesse a página 16.

Depoimento do USSOUTHCOM evidencia disputa por influência entre EUA, China e Rússia

Gabriela Nogueira

Em seu depoimento anual ao Congresso americano, em janeiro, o comandante da USSOUTHCOM, Almirante Craig Faller, apontou que a revisão dos orçamentos de todos os comandos militares conjuntos, determinada pelo secretário de Defesa, Mark Esper, ocorre num momento de expansão da presença chinesa e russa na região sul-americana, especialmente por meio da área comercial e de investimentos, o que é estratégico em um cenário geopolítico.

Em relação à China, é significativo que 19 países das Américas do Sul e Central façam parte da Nova Rota da Seda, tendo o comércio chinês com esses países atingido um valor aproximado de US\$ 1.34 trilhão em 2019. Quanto à Rússia, 2019 ficou marcado pelo país ter sido o principal apoiador externo de Nicolás Maduro na crise com a Venezuela, sendo o segundo maior parceiro empresarial e credor, somente atrás da China. Faller destacou também a presença, durante todo o ano, de navios russos em portos venezuelanos.

Ao passo que a América do Sul parece seguir com

uma continuidade, mostra-se também uma região com variáveis instáveis. Durante os últimos meses, ocorreu uma onda de protestos que gerou crises políticas e manifestações maciças em 7 Estados diferentes (Equador, Peru, Bolívia, Chile, Venezuela, Paraguai e Argentina). Além disso, diversos países da região estão vivenciando problemas econômicos, somado à polarização das correntes políticas.

É também considerável que nessa conjuntura as relações civis-militares estejam se diversificando. Pode-se observar que as Forças Armadas estão sendo exigidas tanto em questões já tradicionais, como contra o narcotráfico, mas também nos novos fluxos migratórios, além de estarem adquirindo maior protagonismo no contexto político. Assim, para além do apoio político, a conjuntura da América do Sul em 2020 parece evidenciar a necessidade de apoio em termos econômicos, e geopolíticos, capaz de diminuir tensões e mitigar ameaças regionais.

AMÉRICA DO NORTE & CENTRAL

POLA 101: o marco do avanço e desenvolvimento da Marinha mexicana

Ana Cláudia Ferreira

Em 10 de fevereiro de 2020, a Marinha mexicana celebrou a entrega do navio de patrulha marítima de longo alcance, o *ARM Reformador Long Range Ocean Patrol 101* (POLA 101). Essa entrega evidencia o sucesso da cooperação, de mais de quarenta anos, entre a Marinha do México e a *Damen Shipyards Group*, indústria marítima holandesa responsável pela construção do navio. A parceria é marcada pelas entregas anteriores de embarcações de patrulha e apoio logístico, além do fato de o POLA 101 ter sido entregue em tempo recorde, menos de três anos após a assinatura do contrato.

É considerado o navio patrulha mais tecnologicamente avançado da América Latina e foi construído em território mexicano. Com ele, será possível que o México realize missões de patrulha em proveito do combate ao narcotráfico e de ações *Search and Rescue* (SAR), que são o uso de recursos disponíveis para salvar vidas. Dessa forma, o país conseguirá ampliar a vigilância e a proteção de seus interesses marítimos e, de certa forma, minimizar as fragilidades da sua Marinha.

A Marinha mexicana possui como uma de suas vulnerabilidades o fato de ter mais de 50% de seus

navios comprados dos Estados Unidos, Israel e Espanha, sem os seus principais sistemas de armas, tornando-os inadequados para operações de combate intensivo contra outras marinhas. Porém, com o POLA 101, essa vulnerabilidade começa a ser superada. Isso porque ele é equipado com o sistema *SeaRAM*, que tem um lançador de onze mísseis, oferecendo boa defesa em profundidade contra mísseis antinavio. Ele ainda possui capacidade de detectar e rastrear aeronaves pequenas, constantemente usadas pelos cartéis de droga da América Latina. E, por fim, com ele será possível aumentar o controle mexicano nos 5 milhões de quilômetros quadrados de suas águas jurisdicionais.

Com isso, fica claro que a entrega do navio proporciona um grande passo para o fortalecimento marítimo-naval da Marinha mexicana. Com ele, o México abre caminhos para reforçar o investimento em Defesa. Assim, a longo prazo, o México poderá conseguir autonomia para projetar e construir navios, exclusivamente, dentro de seu território, com a estrutura e os armamentos necessários, para superar suas atuais fragilidades estratégicas-navais.

El Salvador poderá construir porto no litoral atlântico da Guatemala

Victor Cabral

Em 27 de janeiro de 2020, os presidentes de El Salvador e da Guatemala, Nayib Bukele e Alejandro Giammattei, reuniram-se na capital salvadorenha para a assinatura de novos acordos de cooperação. Visando melhorar o escoamento do comércio marítimo e facilitar a integração regional, Giammattei ofereceu a Bukele a possibilidade de construir um porto no litoral atlântico guatemalteco, numa expansão de um porto já existente, por meio de uma concessão público-privada, mas ainda sem data prevista de início das obras.

Localizado na Baía de Amatique, no Golfo de Honduras, o Porto de Santo Tomás de Castilla foi construído em 1976, sendo um dos mais movimentados da América Central e recebe cruzeiros internacionais que alavancam o turismo guatemalteco. O porto movimentava anualmente 6.2 milhões de toneladas de mercadorias, sendo 30% originárias de ou com destino a El Salvador. Os salvadorenhos utilizarão um atual armazém de contêineres que não possui infraestrutura no pátio ou terminal e nem condições de dragagem, carecendo de investimento financeiro do país para torná-lo operacional.

Na mesma reunião, também ficou definido o acordo de “céus abertos”, em que os voos entre os países passarão a ter taxas de voos nacionais, bem como o livre trânsito de pessoas e a eliminação de tarifas aduaneiras. A Guatemala já é a segunda maior parceira comercial de El Salvador, atrás de Honduras, com valor médio de comércio de mercadorias e serviços estipulados em US\$ 1.8 bilhão ao ano. Para El Salvador, a parceria será positiva, pois haverá redução dos custos de transporte e de locação de fretes internacionais, num cenário em que a

maior parte de suas exportações para os Estados Unidos seguem pelo Atlântico. El Salvador exporta para os EUA anualmente US\$ 6 bilhões em produtos têxteis e agrícolas e importa US\$ 12 bilhões.

Para Bukele, é uma boa oportunidade para expandir o comércio com a América Central e melhorar suas relações já amistosas com Washington, apresentando-se como um aliado dos EUA na região, ainda que realize visitas a Pequim para atrair negócios e investimentos em infraestrutura.



ÁFRICA SUBSAARIANA

A oitava praga: o enxame de gafanhotos e a África Oriental

Franco Alencastro

A África Oriental vive, desde o início do ano, uma das maiores pragas de gafanhotos em décadas. Os enxames se espalharam por sete países da região – Somália, Etiópia, Quênia, Eritreia, Sudão, Sudão do Sul e Djibuti – e podem se estender por quilômetros. Um estudo da Organização das Nações Unidas para a Alimentação e a Agricultura (FAO, em inglês) afirma que o número de gafanhotos pode crescer em torno de 500% até junho, em consequência dos últimos meses da estação úmida, favorável à reprodução do inseto. Isso significa que, sem medidas de contenção efetivas, a crise pode piorar, não somente pelo aumento dos enxames, mas por seu deslocamento, uma vez que estes podem se deslocar até 150 quilômetros por dia.

As consequências sociais e humanitárias da praga prometem ser graves. De acordo com a FAO, 13 milhões

de pessoas no Chifre da África sofrem de insegurança alimentar, número que pode aumentar em 20 milhões caso a agricultura de subsistência seja afetada. A crise, assim, pode repetir o saldo negativo da seca de 2011, que atingiu a África Oriental e provocou um aumento da insegurança alimentar em 9 milhões de pessoas e entre 50 e 100 mil mortos em consequência da fome.

A praga poderá se desdobrar em consequências políticas para os países da região. Um dos países que pode ser fortemente afetado é o Sudão do Sul, no qual os gafanhotos adentraram em 18 de fevereiro. O país é atingido por uma guerra civil que, desde 2013, provocou 4 milhões de deslocados e refugiados. Ao Norte, no Sudão, o governo de transição instalado com a queda de Omar al-Bashir em abril de 2019 enfrenta protestos recorrentes. A Etiópia, por sua vez, apresenta alguma tranquilidade, >>>

mas em sua história recente o país enfrentou fortes protestos: em 2018, manifestações precipitaram a queda do regime de Hailemariam Desalegn. Em todos esses países africanos, a crise social e humanitária é ampliada

pelos gafanhotos e pode acentuar as contradições das sociedades locais, levando a uma maior ebulição política e à possibilidade de instauração de crises e conflitos.



EUROPA

Dilema na Itália: crise migratória versus coronavírus

Glauce Kerolin

No dia 31 de janeiro de 2020, a *Human Rights Watch* solicitou que a Itália revogasse os decretos antiasilo e antirresgate estabelecidos pelo governo anterior, protagonizado por Matteo Salvini. Considerando a discussão sobre a crise migratória ter sido pauta nos fóruns internacionais nos últimos anos, a expectativa para este ano era que o atual governo de Giuseppe Conte traçasse modificações na legislação que envolve as políticas humanitárias, restaurando as proteções abolidas por tais documentos. Entretanto, o surto de coronavírus vem abalando fortemente a Itália, que estendeu as medidas de contenção já existentes nas regiões do Norte para todo o país, mediante a confirmação de mais de 20.000 casos. O número de mortos no país é de mais de 1.000 pessoas, e toda a população foi colocada em quarentena enquanto o governo intensifica os esforços para combater o surto.

Mediante o presente cenário, nota-se que o país enfrenta um dilema. À luz das medidas protetivas estatais, caso revoguem os decretos considerados abusivos e permitam a entrada de novos imigrantes — juntamente com a circulação de turistas no país —, o governo não terá

estrutura para garantir a segurança dos recém-chegados e, conseqüentemente, poderá fortalecer o sentimento de xenofobia que já vem sendo percebido entre a população, aumentando também a rejeição do atual governo. Segundo a opinião pública, a circulação de pessoas advindas de outros territórios poderá comprometer boa parte da saúde dos cidadãos que, em sua maioria, são idosos.

Por outro lado, o enfoque na melhoria das políticas humanitárias seria uma oportunidade que o governo poderia aproveitar para restaurar a liderança e a posição moral global da Itália. Além de ser uma região turística muito procurada, o norte da Itália é o centro econômico do país e, portanto, o bloqueio devido à epidemia impacta diretamente na economia. Sendo o país da Europa que mais está sendo afetado com a doença, a prioridade estatal é superar o estado de emergência por meio de uma política sanitizante. Mesmo que as instituições humanitárias continuem pressionando o país a mudar a sua política para tratar da crise migratória, o momento é de emergência nacional para combater a pandemia.

O programa de renovação dos submarinos nucleares do Reino Unido teve duas atualizações importantes nas últimas semanas. Primeiro, a concessão de um contrato de £ 330 milhões (cerca de R\$ 2 bilhões) da *BAE Systems* à *Thales UK* para o desenvolvimento do sistema de sonares, o que não é tão incomum visto que esta empresa participa da política marítima de dissuasão contínua (CASD) desde 1969. Por outro lado, o anúncio do ministro da Defesa Ben Wallace de que o Reino Unido não utilizaria mais as ogivas nucleares norte-americanas e produziria ogivas próprias recebeu grande destaque na imprensa especializada.

As novas ogivas nucleares irão substituir o armamento atual conhecido como *Trident Holbrook*, que é utilizado nos quatro submarinos da classe *Vanguard*. Em 2016, o Parlamento britânico aprovou a substituição dessas embarcações pelos hoje conhecidos submarinos classe *Dreadnought*, já em construção e previstos para entrar em operação na década de 2030. O projeto está avaliado em £ 31 bilhões (cerca de R\$ 186 bilhões), embora estes gastos possam ser modificados. Ademais, não houve

qualquer sinalização a respeito de uma mudança na utilização dos mísseis que, até o momento, continuam sendo os mesmos *Trident II D5* norte-americanos dos submarinos *Vanguard*.

Além disso, vale ressaltar que o atual primeiro-ministro, Boris Johnson, confirmou a revisão da estratégia de defesa e segurança (SDSR, em inglês), o que deve ser um marco importante para a sua administração e deverá conter informações relevantes acerca da utilização dos meios navais, sobretudo os submarinos nucleares e os novos porta-aviões da classe *Queen Elizabeth*.

Em meio a tudo isso, a pandemia do COVID-19 poderá ser capaz de interferir nos planos britânicos. Principalmente, após a crise afetar a Itália e se alastrar pelo continente europeu, empresas e instituições da área marítima do Reino Unido se preocupam com o avanço da infecção do vírus e têm cobrado ações mais assertivas por parte do governo. Somado a isso, há a questão do Brexit e o período de transição, que podem acentuar uma freada na economia britânica e impactar negativamente os Programas de Defesa do país.

ORIENTE MÉDIO & NORTE DA ÁFRICA

O novo governo libanês e a influência do Hezbollah

Ana Luiza Colares

No início de 2020, o Líbano presenciou a formação de um novo governo liderado pelo primeiro-ministro não partidário Hassan Diab. A nova administração foi instituída em 21 de janeiro, resultado de protestos massivos que ocorrem no território libanês desde outubro de 2019, quando a população foi às ruas clamar por reformas estruturais no sistema político e econômico. A pressão da população levou à renúncia do primeiro-ministro Saad Hariri e, desde então, o país encontrava-se em um vácuo político.

A atual crise econômica no Líbano é vista por muitos como uma crise de governança permissiva à cultura da corrupção e à má administração das contas públicas, elementos que colaboraram para o crescimento da dívida pública, efeitos negativos no setor bancário e, conseqüentemente, escassez de oferta dos serviços essenciais à população.

A implementação do novo governo, entretanto, não cessou a insatisfação da população e gerou preocupação de o país ser envolvido na guerra indireta entre Estados Unidos e Irã, em vigor nos países árabes e acentuada desde as ofensivas de ambos os países no início do corrente ano ([Boletim 109](#)). Tal narrativa é considerada pela relevância política do grupo Hezbollah – grupo de

vertente xiita apoiado pelo Irã – no Líbano e pelo seu consequente apoio ao novo governo instituído. Considera-se, portanto, o grupo como um ativo estratégico iraniano, apoiado pelo país desde sua criação, que investe aproximadamente US\$ 700 milhões/ano, bem como oferece apoio à infraestrutura e logística por meio da Guarda Revolucionária, braço militar iraniano que atua em âmbito internacional, nas suas áreas de influência. Cabe salientar que o Hezbollah é, sobretudo, um importante *player* nas disputas regionais, principalmente na guerra árabe-israelense, ao atuar como defensor da questão palestina, ao lado de países como Irã e Síria.

O Oriente Médio é marcado por coalizões e interesses estatais, e o atual cenário traduz a insegurança na região. Ademais, cabe citar a presença da UNIFIL no Líbano, na qual a Marinha do Brasil atua desde 2011 no comando da Força-Tarefa Marítima, e representada atualmente pela corveta Barroso, que tem como tarefas a de impedir o tráfico nas águas libanesas e oferecer treinamento para a Marinha local. Deste modo, o desdobramento da instabilidade nacional no Líbano é um fator importante a ser acompanhado tanto pelo Brasil quanto pelos demais países que auxiliam na Missão.

Turquia perde em Idlib e fica isolada em sua Política Externa

Dominique Marques

No dia 1º de março, a Turquia atacou e derrubou aviões sírios em Idlib (Síria) em resposta a um ataque a um de seus drones por forças aliadas ao presidente sírio Bashar al-Assad, apoiado pela Rússia. O presidente turco Recep Erdogan afirmou que suas ações estariam também associadas a conter as atrocidades e reduzir os problemas migratórios para a Turquia. Esta presenciou um aumento de quase 1 milhão de pessoas desde que al-Assad iniciou uma ofensiva chamada “O alvorecer em Idlib 2”, em dezembro de 2019, causando também a morte de muitos soldados turcos.

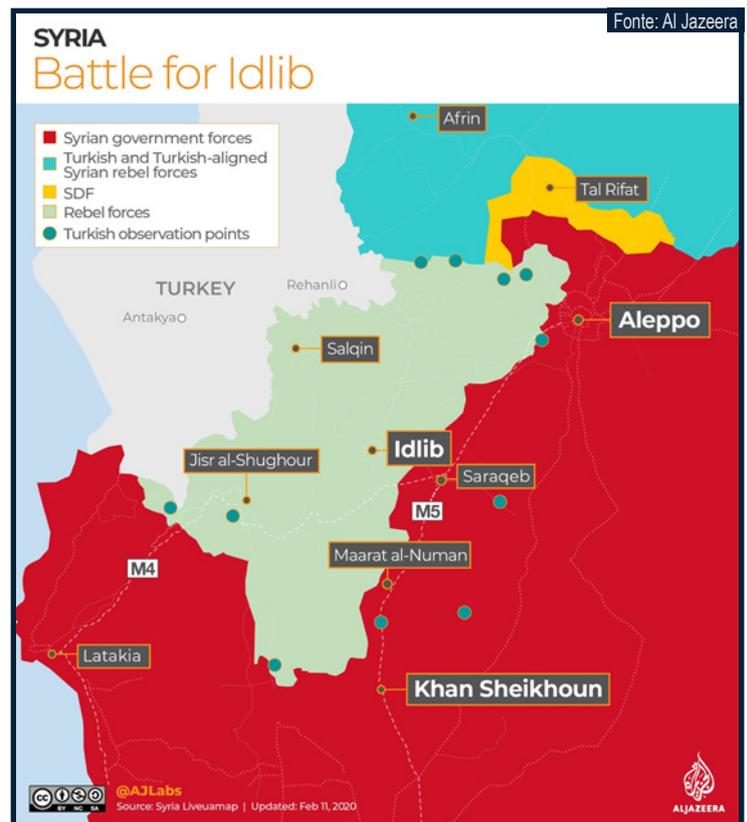
Este é o momento mais marcante nas relações russo-turcas desde o abatimento de um caça russo pela Turquia em 2015, quando se pensou que ambos os países entrariam em conflito. Contudo, após a tentativa de golpe na Turquia em 2016, Putin e Erdogan se aproximaram, quebrando as expectativas e tornando-se, inclusive, aliados em questões energética e de defesa.

Pertencente à Europa e à Ásia, a Turquia representa uma ponte entre o Oriente e o Ocidente. Igualmente, direciona sua política externa ora a um lado ora a outro. Em meio à sua política externa pendular, Erdogan encontra-se isolado, reagindo contra a União Europeia e abrindo as fronteiras no dia 03 de março àqueles que desejassem chegar à Europa, quebrando o acordo realizado em 2016. Com isto, Erdogan buscou pressionar os europeus em troca de algum apoio que superasse sua condição de isolamento. Porém, a UE não cedeu às suas pressões. Além disso, mesmo protegido por alianças temporárias, seus parceiros, como Catar, Paquistão e Azerbaijão, não estão lhe possibilitando vantagens estratégicas.

No dia 05 de março, Erdogan reuniu-se com Putin e um cessar-fogo entre Rússia e Turquia foi decidido, apesar de ambos os presidentes admitirem ainda não

possuir acordos sobre a Síria. Como a OTAN, da qual a Turquia faz parte, provavelmente não deseja um combate com a Rússia neste momento, não deve apoiar a atuação turca em Idlib.

Com a dificuldade de manter seu poder, sem sucesso diante das tropas apoiadas pela Rússia nos conflitos sírio e líbio, Erdogan se articula para enfraquecer a Rússia em outras frentes, desviando o foco dos conflitos no Oriente Médio, como foi ao negar o reconhecimento da Crimeia como território russo, no último mês.



RÚSSIA & Ex-URSS

Arábia Saudita, Rússia e a geopolítica do petróleo

Pedro Martins

No dia 03 de março, a Arábia Saudita anunciou que iria aumentar a sua produção de petróleo após fracassadas tentativas da OPEP+, grupo entre os países membros da OPEP (Organização dos Países Exportadores de Petróleo) e aliados, de chegarem a um acordo sobre a redução da produção mundial de petróleo. Com essa medida, o preço internacional do barril do petróleo caiu de forma mais intensa desde a Guerra do Golfo em 1991, suscitando debates e questionamentos entre analistas e a imprensa internacional.

A recente alteração nos preços internacionais de petróleo foi causada principalmente pelo desacordo

entre dois dos maiores produtores: Rússia e Arábia Saudita. Uma das explicações possíveis para isso seria a manutenção de uma posição geopolítica da Rússia frente à União Europeia. Isto é, a elevação dos preços do petróleo, conquanto benéfica para as exportações russas, tornariam atrativos os investimentos em fontes de energia alternativas por parte da União Europeia, diminuindo a posição geopolítica russa em relação à esta. Por esse motivo, seria preferível a perda de recursos no curto prazo – do ponto de vista do governo russo – para a manutenção da sua posição geopolítica. Outra explicação possível seria uma forma de prejudicar outros *players* do >>>

mercado internacional do petróleo. Uma reportagem do jornal russo RT diz que as empresas americanas de *shale gas* tiveram grande queda nas suas ações.

Tanto a Rússia quanto a Arábia Saudita são altamente dependentes de petróleo como base das suas economias. Isso faz que ambos tenham dificuldades para a manutenção desse impacto negativo do aumento da produção de petróleo. Essas dificuldades são agravadas pelos impactos econômicos do COVID-19 e da desaceleração econômica mundial. Segundo uma publicação da *Stratfor*, a Rússia tem uma situação financeira melhor do que a Arábia Saudita para sustentar sua economia em uma situação

de baixa nos preços internacionais do petróleo, tornando a situação mais delicada para a monarquia saudita no longo prazo.

Os eventos iniciados após as fracassadas tentativas de acordo no âmbito da OPEP+ mostram como o petróleo ainda é uma *commodity* estratégica no mercado internacional. Ademais, também demonstra que o debate sobre essa produção – se feito por uma empresa privada ou estatal – não deve se limitar somente a uma abordagem econômica, devendo considerar também imperativos geopolíticos.

LESTE ASIÁTICO

Coreia do Sul retoma liderança em encomendas globais no setor de construção naval

Em meio ao surto do coronavírus (COVID-19), em especial na Ásia, a indústria de construção e reparação naval também está sendo impactada neste início de 2020. A liderança do *ranking* mundial do setor é disputada entre os três principais *players* da Ásia: China, Coreia do Sul e Japão. Em janeiro, a China assumiu a liderança, entretanto, em meio ao declínio nas encomendas globais de construção naval, a Coreia do Sul recuperou o primeiro lugar do setor em termos de volume de encomendas globais, enquanto as atividades do setor na China enfrentam restrições e rigorosas medidas no combate à pandemia.

Em fevereiro, a *Hyundai Heavy Industries* - principal estaleiro da Coreia do Sul - e outros construtores navais sul-coreanos, somaram oito novos pedidos de navios, um total de 200 mil em tonelagem bruta compensada (CGT, sigla em inglês), representando 67% do volume de novos pedidos em uma escala global, segundo o *Clarkson Research Services* britânico. Ainda, a *Hyundai Heavy Industries* participará do projeto de construção

Marcelle Torres

de instalações *offshore* de produção de petróleo e gás da *Saudi Aramco*, empresa estatal de petróleo da Arábia Saudita. Em segundo lugar, figuram as Filipinas com 60 mil CGTs para a construção de quatro navios, seguidos pelo Japão com 30 mil CGTs para a construção de um navio.

A China, que liderava o mercado com 510 mil CGTs para a construção de 22 navios em janeiro deste ano, logrou apenas 8 mil CGTs para a construção de um navio porta-contêiner, em fevereiro. A brusca redução é atribuída ao surto do coronavírus que forçou os construtores de navios da China a interromper as operações. Houve uma redução de mais da metade de novas encomendas na carteira global, passando de 750 mil CGTs na construção de 33 navios em janeiro para 300 mil CGTs destinados a 18 navios em fevereiro. É possível que, com a retomada da economia chinesa a partir de abril/maio, esse número mude, mas a liderança mundial dos estaleiros asiáticos na construção naval ainda não tem previsão de mudar.

As Olimpíadas de Shinzo Abe: Poder e Simbolismo

O ano de 2020 marca o oitavo da administração de Shinzo Abe como primeiro ministro japonês e será o ano de realização dos Jogos Olímpicos e Paraolímpicos de Tóquio. Um ano que deveria ser de reafirmação, quando finalmente deve ser implementada a mudança na Constituição japonesa, começa com o problema grave do coronavírus (COVID-19), que além das implicações econômicas e de saúde, pode causar o cancelamento dos Jogos Olímpicos desse ano, previstos para ocorrerem de 24 de julho a 09 de agosto. Numa longa, e rara, coletiva de imprensa no final de fevereiro, Abe pediu ajuda na luta contra um “inimigo invisível”, que é o surto do vírus, e admitiu que o governo não tem condições de resolver a

Vinicius Reis

situação sem a ajuda da população.

O poder político, além de ser exercido, deve ser reforçado entre os seus pares. Tal fato motivou Abe a assumir uma postura mais assertiva na política externa japonesa, e por consequência, na formulação da expansão do *soft power* japonês, de maneira a fortalecer não apenas a força do seu governo perante o mundo, mas também no cenário doméstico. Enquanto as medidas na área de segurança e defesa tem visado responder a ameaças geopolíticas a nível regional e global, questões estruturais como o envelhecimento da população e a necessidade de políticas migratórias tem mitigado, aos poucos, os ganhos das suas políticas econômicas (*Abenomics*). Cabe >>

ressaltar que o aumento da diferença entre mais ricos e pobres; a pequena, mas crescente inflação; e a perda relativa de competitividade das empresas japonesas têm limitado a economia dos últimos semestres.

Pensando no longo prazo, o biênio 2020-2021 deve ser o mais importante dentro da carreira política de Abe. Além de implementar uma reforma estrutural de longo prazo, marcando seu nome e do partido na história, ao

reformularem o Artigo 9º da Constituição de maneira a referendar um uso mais assertivo das forças armadas, as Olimpíadas deveriam reforçar globalmente a imagem do Japão como *player* global nos mais diversos setores. Porém, fatores endógenos, como a pressão econômica e demográfica, e exógenos, como o COVID-19, podem atrapalhar todo o planejamento do seu governo.

A Marinha chinesa se lança sobre o Pacífico

Em fevereiro, a Marinha do Exército de Libertação Popular (PLAN, sigla em inglês) finalizou uma série de exercícios militares no Oceano Pacífico visando aumentar sua capacidade de operação em águas azuis. Durante um dos exercícios, a Força-Tarefa (FT), que contava com o contratorpedeiro *Hohhot*, a fragata *Xianning*, o navio de vigilância eletrônica *Tianshuxing* e o navio de reabastecimento *Chaganhu*, conduziu uma série de manobras de defesa antiaérea, utilizando mísseis e armamentos antiaéreos de última geração. Além disso, também foram realizados exercícios de reabastecimento e controle de área marítima. Ao todo, os exercícios duraram 41 dias, durante os quais a FT navegou cerca de 14 mil milhas náuticas, cruzando até mesmo a linha internacional de data.

Até o início dos anos 2000, a PLAN era caracterizada como uma Marinha de águas marrons, isto é, uma Marinha capaz de atuar apenas próximo a sua costa, sem exercer projeção internacional. Entretanto, desde 2016, com o impulsionamento de sua indústria naval e a mudança na sua estratégia marítima (Boletins [87](#) e [108](#)), a China vem

se tornando gradativamente uma forte Marinha de águas azuis. No último ano, o país comissionou uma série de navios importantes como o primeiro porta-helicópteros da classe *Type 075*, um contratorpedeiro da classe *Type 055* e o seu primeiro porta-aviões construído inteiramente na China, o *Shandong*. Tais exercícios em águas azuis constituem o próximo passo para que a PLAN se torne, de fato, uma Marinha capaz de atuar globalmente, fazendo que a China possa levar a sua linha de defesa para cada vez mais longe de sua própria costa.

A tendência é que exercícios com foco em atuação em águas azuis tornem-se cada vez mais frequentes, uma vez que se mostram coerentes com as ambições chinesas e constituem um grande desafio à posição hegemônica dos Estados Unidos dentro do Oceano Pacífico. Ademais, ao cruzar a linha internacional de data, Pequim dá sinais de que começará a expandir sua zona de atuação em direção ao Pacífico Central, se aproximando do Havaí, onde fica a sede do Comando Conjunto do Indo-Pacífico dos EUA. Portanto, é necessário acompanhar qual será a reação de Washington diante de tais manobras de expansão.

Rodrigo Abreu



Fonte: PLA Navy

Índia: instabilidade doméstica e implicações na projeção internacional

Marina Corrêa e Rebeca Leite

O atual contexto doméstico da Índia traz alguns desafios no ambiente internacional. No dia 02 de março de 2020, o ministro de Relações Exteriores do Irã, Mohammad Javad Zarif, afirmou que o país é um antigo amigo indiano, mas que atualmente condenava a violência organizada contra os muçulmanos. Desde 2014, quando Narendra Modi assumiu o cargo de primeiro-ministro indiano, a discriminação aos muçulmanos é visível. Após a aprovação da Lei de Emenda à Cidadania (CAA, sigla em inglês) - dando nacionalidade a fiéis de seis religiões diferentes que fugiram da perseguição religiosa em 2015, excluindo os muçulmanos — em dezembro de 2019, tornou-se algo explícito.

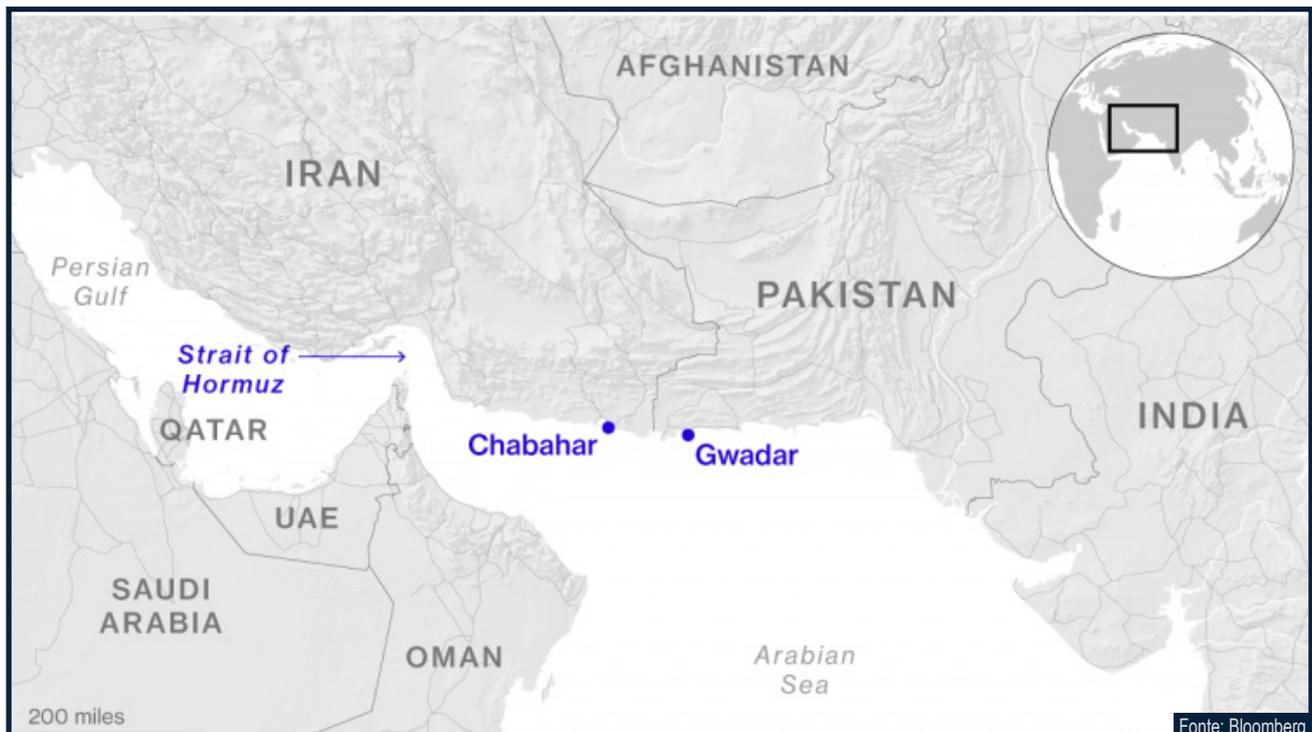
Outro aspecto relevante é a desaceleração econômica. O sistema financeiro está abalado por uma carga de altos empréstimos que culminaram em dívidas, e bancos de investimento fechando suas portas, provocando uma crise de liquidez. Apesar das políticas monetárias, a economia real não vai bem. Os indicadores apontam que o PIB real cresceu apenas 4,5%, em 2019, menor taxa dos últimos cinco anos. Assim, cabe discutir os impactos desta instabilidade político-econômica na política externa.

Quanto ao primeiro exemplo, Teerã é um forte parceiro para Nova Délhi, sobretudo no setor petrolífero.

Ademais, Índia e Irã estão desenvolvendo o Porto de Chabahar ([Boletim 90](#)), para contornar o congestionado Estreito de Ormuz e garantir o abastecimento energético e alimentar. Nesse sentido, a CAA gera uma imagem negativa para o Irã, um país muçulmano e de relevância para projeção regional da Índia.

No âmbito econômico, estão os impactos da crise no setor de Defesa. O aumento deste orçamento em relação ao ano anterior é de apenas 5%, representando uma redução em termos reais (levando-se em conta os efeitos da inflação). Estima-se que os ativos destinados à Marinha reduziram-se de 18% (2012) para 13% (2019/2020). Como resultado, a Índia deve priorizar a aquisição de submarinos em detrimento de seu terceiro porta-aviões. Sendo assim, a estratégia de controle do mar possivelmente será substituída pela negação do uso do mar, com a priorização dos submarinos atreladas aos já existentes navios de superfície.

Dado isso, é preciso que a administração de Narendra Modi retome sua agenda de reformas e crescimento econômico. A menos que a Índia consiga mitigar tais fragmentações domésticas, sua projeção ascendente internacional está ameaçada, seja em termos de relações bilaterais, seja em questões de segurança e defesa.



EUA-Vietnã: Estreitamento de laços para diferentes fins

Matheus Bruno Pereira

No dia 05 de março de 2020, o porta-aviões *USS Theodore Roosevelt* e o cruzador *USS Bunker Hill* atracaram no porto de Da Nang, em uma visita agendada entre Washington e Hanói. O acontecimento ocorre dois anos após a visita do *USS Carl Vinson* em 2018 (Boletim 69), e no ano de comemoração dos 25 anos do reatamento de relações entre Estados Unidos e Vietnã. O evento contou com o encontro de autoridades vietnamitas e estadunidenses e atividades entre as marinhas dos dois países. Apesar do surto do COVID-19 na Ásia, não pareceu ser um impeditivo para o evento, o que é um demonstrativo do interesse das duas partes para a realização do encontro.

O evento ocorre pouco após as Filipinas anunciarem que iriam encerrar sua aliança com os Estados Unidos (Boletim 111). Embora os episódios não possuam necessariamente uma relação, há de perceber que a visita demonstra os esforços dos EUA em mostrar presença na região do Mar do Sul da China, apesar da perda de um aliado estratégico. Nos últimos tempos, a estratégia estadunidense tem sido alvo de dúvidas dos analistas internacionais, que se questionam sobre a importância dada ao governo de Donald Trump para a região.

A mudança geopolítica é conveniente para o Vietnã. Nos últimos anos, Hanói e Pequim vem demonstrando um cenário pouco amistoso entre eles, sobretudo com relação ao uso do mar (Boletim 98). Mas uma atenção é necessária para esse ponto, isso não significa mudança estratégica automática e o início de uma aliança com os EUA. A oportunidade gerada será, pelo contrário, para o balanceamento entre atores poderosos, nesse caso China e EUA, diante dos interesses de Hanói, como busca política de pragmatismo do país frente às questões diplomáticas e internacionais, que sempre busca exercer.

Os EUA, por sua vez, sabendo ou não dessa condição, poderão vir a explorar mais o estreitamento de laços, já que favorece a *freedom of navigation operations*, ações e exercícios realizados pelos EUA, com nações amigas ou não, visando reforçar a livre navegação e contestar reivindicações territoriais. Ademais, a visita de uma porta-aviões de quase 100 mil toneladas sempre chama muita atenção, e com certeza fez com que Pequim acompanhasse a visita, recebendo o recado geopolítico de Washington.

ÁRTICO & ANTÁRTICA

A atualização da estratégia russa para o Ártico

Pedro Silva

Em janeiro do corrente ano, o governo russo publicou um plano que estabeleceu um novo regime fiscal para atividades econômicas no Ártico e dividiu a responsabilidade pelo desenvolvimento da Rota Marítima Norte (RMN) entre as estatais de petróleo e gás *Rosneft* e *Gazprom*, a agência estatal *Rosatom* (de energia atômica) e a empresa petrolífera privada *Novatek* - responsável pelo desenvolvimento da atividade petrolífera em Yamal. No começo de março, um novo plano foi desenvolvido, dessa vez com ênfase na liberação de novos blocos de exploração de petróleo e gás na região e no uso da RMN como via de escoamento da produção regional.

Em 30 de março de 2009, a Federação Russa publicou sua estratégia para o Ártico até o ano de 2020, na qual está declarado como primeiro interesse do país o uso da região como uma base estratégica de recursos para a solução dos problemas de desenvolvimento econômico e social do país. Nos onze anos decorridos desde então, a Rússia tem buscado, com certo grau de sucesso, construir a capacidade de defender e aproveitar os abundantes

recursos da região. À busca pelos recursos se juntou a busca pelo desenvolvimento da Rota Marítima Norte como uma linha de comunicação marítima mundial - relativamente bem-sucedida, visto o crescimento da tonelagem transportada nos últimos anos - e da predominância do setor de óleo e gás no uso dessa rota.

O novo plano é também uma atualização da estratégia de 2009, visando pautar a atuação russa no Ártico até o ano de 2035, mantendo a dupla ênfase na exploração do petróleo e no desenvolvimento da navegação na região. Um dos objetivos é tornar a RMN competitiva com relação a outras vias de transporte marítimo, tais como o Canal de Suez, além de buscar a preservação da infraestrutura na região mesmo em face da mudança climática, com planos de investimentos de cerca de US\$ 230 bilhões ao longo dos próximos 15 anos. As medidas do novo plano vêm em apoio aos objetivos de garantia e fortalecimento da soberania nacional da Federação Russa no Ártico e de dinamizar a economia regional e estimular o desenvolvimento econômico e social do país.

- ▶ [A Made-in-China Pandemic](#)
PROJECT SYNDICATE, Brahma Chellaney
- ▶ [What Interests Does China Have in the Southern Red Sea?](#)
ISPI, Elisa Gambino
- ▶ [Europe in the Face of US-China Rivalry](#)
EUROPEAN THINK-TANK NETWORK ON CHINA
- ▶ [Vietnamese Fishing Vessels Intruding into the Waters of Chinese Mainland and Hainan Island](#)
SCSPI
- ▶ [The International Commanders Respond](#)
US NAVAL INSTITUTE
- ▶ [Cold War Containment and the Middle East](#)
THE NATIONAL INTEREST, Paul R. Pillar
- ▶ [The Digital Dictators](#)
FOREIGN AFFAIRS, Andrea Kendall-Taylor, Erica Frantz, e Joseph Wright
- ▶ [U.S. Navy submarines surface near the North Pole as a major Arctic exercise gets underway](#)
ARCTIC TODAY, Melody Schreiber

CALENDÁRIO GEOCORRENTE

MARÇO

22 75 anos da Liga Árabe

26 Referendo de reforma de sistema eleitoral nas Malvinas

26-27 Reunião do Conselho Europeu

ABRIL

12 Eleições na Macedônia do Norte

15-16 Cúpula do Belt and Road, em Dubai

20 Eleições no Iraque

22 Referendo sobre a reforma constitucional russa

26 Plebiscito no Chile para nova constituição

27 Início da Conferência de Revisão do TNP, em Nova York

- **Depoimento do USSOUTHCOM evidencia disputa por influência entre EUA, China e Rússia**
MEHTA, Aaron. [Good news or bad? Pentagon review of SOUTHCOM kicks off](#). Defense News, 23 jan. 2020. Acesso em: 10 fev. 2020.
SELIGMAN, Lara; GRAMER, Robbie. [Pentagon Debates Drawdown in Africa, South America](#). Foreign Policy, 30 jan. 2020. Acesso em: 10 fev. 2020.
- **POLA 101: o marco do avanço e desenvolvimento da Marinha mexicana**
[Damen Delivers Long Range Ocean Patrol Vessel To The Mexican Navy](#). Damen News, 10 fev. 2020. Acesso em: 16 fev. 2020.
GILBERTO, João. [Navios patrulha Sigma 10514 revitalização a Marinha Mexicana](#). Defesa TV, 24 set. 2018. Acesso em: 20 fev. 2020.
- **El Salvador poderá construir porto no litoral atlântico da Guatemala**
GAMARRO, Urías. [¿Cómo sería el puerto en el Caribe guatemalteco que El Salvador podría utilizar para exportar?](#). Prensa Libre, 29 jan. 2020. Acesso em: 13 mar. 2020.
NAJÁR, Alberto. [La histórica decisión de Guatemala de ofrecer a El Salvador una salida al Atlántico y el acuerdo de cielos abiertos para viajar entre ambos países](#). BBC News Mundo, 29 jan. 2020. Acesso em: 13 mar. 2020.
- **A oitava praga: o enxame de gafanhotos e a África Oriental**
HERBLING, D; GEBRE, S. [Locust Swarms Ravaging East Africa Are the Size of Cities](#). Bloomberg, 18 fev. 2020. Acesso em: 19 fev. 2020.
[Locusts swarm into crisis-hit South Sudan as plague spreads across east Africa](#). The Guardian, 19 fev. 2020. Acesso em: 19 fev. 2020.
- **Dilema na Itália: crise migratória versus coronavírus**
[Italy: Revoke Abusive Anti-Asylum Decrees](#). Human Rights Watch, 31 jan. 2020. Acesso em: 04 fev. 2020.
LOWEN, Mark. [Coronavirus: Italy says 1,000 have died but lockdown can work](#). BBC, 12 mar. 2020. Acesso em: 12 mar. 2020.
- **Atualizações no Dreadnought e o novo COVID-19**
CHUTER, Andrew. [Britain confirms new nuclear warhead project after US officials spill the beans](#). Defense News, 25 fev. 2020. Acesso em: 14 mar. 2020.
REINO UNIDO. [£330-million sonar contract for Dreadnought submarines](#). Ministério da Defesa do Reino Unido, 28 fev. 2020. Acesso em: 14 mar. 2020.
- **O novo governo libanês e a influência do Hezbollah**
QIBLAWI, Tamara. [After 100 days of rage, Lebanon has a new government — and a deepening crisis](#). CNN, 24 jan. 2020. Acesso em: 07 fev. 2020.
AJC. [Hezbollah is the Long Arm of Iran – Factsheet 5](#). AJC, Acesso em: 06 fev. 2020.
- **Turquia perde em Idlib e fica isolada em sua Política Externa**
KINKARTZ, Sabine. [Turquia abre fronteiras a refugiados que querem chegar à Europa](#). Deutsche Welle, 03 mar. 2020. Acesso em: 13 mar. 2020.
FPIF. [Erdogan's Failed Gamble In Syria – OpEd](#). Eurasia Review, 10 mar. 2020. Acesso em: 13 mar. 2020.
- **Arábia Saudita, Rússia e a geopolítica do petróleo**
WEAFER, Chris. [Oil War: Who Will Blink First?](#) The Moscow Times, Moscow, v. 3, n. 1, p.1-2, 10 mar. 2020. Acesso em: 10 mar. 2020.
[Why Saudi Arabia's Oil Price War May Backfire](#). Stratfor, Austin (texas), v. 3, n. 1, p.1-3, 10 mar. 2020. Acesso em: 10 mar. 2020.
- **Coreia do Sul retoma liderança em encomendas globais no setor de construção naval**
[Korea regains top spot in shipbuilding orders](#). The Korea Times, 10 mar. 2020. Acesso em: 11 mar. 2020.
[Hyundai Heavy invited to join Aramco's \\$20 billion offshore projects](#). Hellenic Shipping News, 06 mar. 2020. Acesso em: 10 mar. 2020.
- **As Olimpíadas de Shinzo Abe: Poder e Simbolismo**
[World economy risks worst year since 2009 as hopes fade of rapid rebound from virus](#). The Japan Times, 28 fev. 2020. Acesso em: 03 mar. 2020.
CAMPBELL, Charlie. [Could the 2020 Tokyo Olympics Be a Victim of COVID-19?](#). TIME, 20 fev. 2020. Acesso em: 03 mar. 2020.
- **A Marinha chinesa se lança sobre o Pacífico**
LIU, X. [Naval drills enhance ability in Pacific Ocean](#). Global Times, 17 fev. 2020. Acesso em: 12 mar. 2020.
[Chinese naval fleet wraps up far sea exercise deep in Pacific Ocean](#). China Military, 26 fev. 2020. Acesso em: 12 mar. 2020.
- **Índia: instabilidade doméstica e implicações na projeção internacional**
DESAI, Suyash. [India's Approach to the Indian Ocean Region: From Sea Control to Sea Denial](#). The Diplomat, 09 mar. 2020. Acesso em: 11 mar. 2020.
BASU, Nayanima. [Oil, Chabahar, 'violence against Muslims' — why India-Iran ties are going into free fall](#). The Print, 06 mar. 2020. Acesso em: 11 mar. 2020.
- **EUA-Vietnã: estreitamento de laços para diferentes fins**
PARAMESWARAN, Prashanth. [What Does a Second Aircraft Carrier Visit Mean for US-Vietnam Relations?](#). The Diplomat, 04 mar. 2020. Acesso em: 12 mar. 2020.
ESTADOS UNIDOS. [Theodore Roosevelt Strike Group arrives in Vietnam](#). Commander U.S. Pacific Fleet, 04 mar. 2020. Acesso em: 12 mar. 2020.
- **A atualização da estratégia russa para o Ártico**
BRZOZOWSKI, Alexandra. [Russia significantly steps up Arctic engagement with new strategy](#). Euractiv, 09 mar. 2020. Acesso em: 12 mar. 2020.
DIGGES, Charles. [Putin Unveils More Plans to Boost Northern Sea Route](#). The Maritime Executive, 07 mar. 2020. Acesso em: 12 mar. 2020.

O mapa intitulado “10 Principais Riscos Globais”, exposto na página 03 deste Boletim, foi elaborado pelos integrantes do Núcleo de Avaliação da Conjuntura da Escola de Guerra Naval. Os critérios utilizados para analisar os fenômenos internacionais e determinar quais devem constar no mapa baseiam-se na relevância destes para o Brasil, sendo eles: presença de brasileiros residentes na região, influência direta ou indireta na economia brasileira e impacto no Entorno Estratégico brasileiro. Ademais, serão considerados os interesses dos membros permanentes do Conselho de Segurança das Nações Unidas. Após a seleção dos fenômenos, os mesmos são categorizados em alto risco (vermelho) ou médio risco (laranja), seguindo parâmetros que refletem a gravidade do risco, sendo eles: quantidade de vítimas, relevância dos atores envolvidos, impacto na economia global e possibilidade da escalada de

tensões.

Devido ao aumento do número de casos (infectados, internados e mortos) à respeito do COVID-19, houve uma adaptação na análise do cenário. Dessa forma, de maneira excepcional, os países europeus foram avaliados como um único risco (com foco na Itália e Espanha - em vermelho), o Irã, também em vermelho e a Coreia do Sul e a China em amarelo. Sendo assim, quatro focos que representando sete países.

As análises são refeitas a cada edição do Boletim, com o objetivo de reavaliar e atualizar as regiões demarcadas, bem como a cor utilizada em cada um. Desta forma, são sempre observados 10 principais fenômenos, distribuídos em alto e médio risco. Abaixo, encontram-se *links* sobre os riscos apontados no mapa:

▶ ALTO RISCO:

- EUROPA — Novo epicentro da pandemia do COVID-19: [Coronavirus: Europe now epicentre of the pandemic, says WHO](#). BBC, 13 mar. 2020. Acesso em: 16 mar. 2020.
- IRÃ — Crise do COVID-19: [Coronavirus kills Iran religious leader as death toll jumps again](#). Al Jazeera, 16 mar. 2020. Acesso em: 16 mar. 2020.
- IÊMEN — Guerra civil e crise humanitária: [War-torn Yemen at a 'critical juncture', warns UN](#). Al Jazeera, 07 mar. 2020. Acesso em: 16 mar. 2020.
- LÍBIA — Escalada da guerra civil: [Libya conflict: Heavy shelling around Tripoli's Mitiga airport](#). Al Jazeera, 28 fev. 2020. Acesso em: 16 mar. 2020.
- SÍRIA — Nova ofensiva de Bashar al-Assad: [With cease-fire in place, Syrians return for belongings, but not to stay](#). The New York Times, 16 mar. 2020. Acesso em: 16 mar. 2020.

▶ MÉDIO RISCO:

- CHINA — Crise do COVID-19: [Big drop in China coronavirus infections](#). Al Jazeera, 16 mar. 2020. Acesso em: 16 mar. 2020.
- VENEZUELA — Crise estrutural: [Venezuela, already in crisis, reports 1st coronavirus cases](#). ABC News, 14 mar. 2020. Acesso em: 16 mar. 2020.
- COREIA DO SUL — Crise do COVID-19: [Coronavirus cases have dropped sharply in South Korea. What's the secret to its success?](#). ScienceMag, 17 mar. 2020. Acesso em: 17 mar. 2020.
- GOLFO DA GUINÉ — Aumento da pirataria: [Who will help solve Africa's piracy problem in the Gulf of Guinea?](#) DW, 14 fev. 2020. Acesso em: 16 mar. 2020.
- UCRÂNIA — Impasse sobre a Crimeia e Donbass: [Zelensky's ultimatums likely to only alienate Donbass, says Russian MP](#). TASS, 07 mar. 2020. Acesso em: 15 mar. 2020.